

OS SENTIMENTOS QUE MULHERES NEGRAS EXPRESSAM EM ATIVIDADES MUSICOTERAPÊUTICAS

Michele Mara Domingos dos Reis²⁰
Rosemyriam Cunha²¹

A dominação racial que ocorreu no Brasil pelo tráfico de negros escravizados ainda repercute na subjetividade das pessoas de origem negra. O sofrimento das mulheres negras vem desde os tempos da escravidão no Brasil. Elas eram consideradas boas parideiras, boas para satisfazerem os desejos sexuais dos seus donos, boas amas de leite, boas para o serviço doméstico. Madeira (2004) afirma que, “as negras sofrem duplamente tanto pelas condições de gênero, como de etnia, e a tradição escravagista continua legitimando formas de violência, práticas impunemente toleradas de utilização dessas mulheres como coisa” (MADEIRA, 2004, p.1)

Refletindo sobre a história da formação da nossa sociedade, sobre minha experiência de vida e ainda sobre relatos de mulheres que participam de movimentos da população negra, pude observar que muitas coisas não mudaram. Ainda hoje a mulher negra se sente só, deixada de lado nos relacionamentos amorosos. Elas se percebem como objeto sexual, sofrem com o desrespeito e violência doméstica e se tornam solitárias responsáveis pela criação dos filhos. Porém, esse movimento é comum para muitas mulheres e quando aliado ao fator classe social e população negra, há um diferencial marcado pela condição de raça.

²⁰Graduada no curso de Bacharelado em Musicoterapia na UNESPAR Campus II - Curitiba - Faculdade de Artes do Paraná, 2016, cantora, formada em Canto Popular pelo Conservatório de MPB de Curitiba (2007) e atriz. Email: blackmimara2@gmail.com
Trabalho de conclusão do curso de graduação de Bacharelado em Musicoterapia – UNESPAR – Campus de Curitiba II/FAP – 2016, foi submetido ao comitê de ética e aprovado sob o CAEE nº 56744316.5.0000.0094.

²¹Professora do curso de Bacharelado em Musicoterapia na UNESPAR Campus II Curitiba - Faculdade de Artes do Paraná. Doutora em Educação (UFPR, 2008) com pós-doutorado em Educação Musical na McGill University, Canadá (2011). Currículo Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4775078J6> Email: rose05@uol.com.br

Outra questão bastante forte ainda hoje é o racismo. É comum ouvir relatos que homens negros procuram relacionar-se com mulheres brancas. Ou também a constatação de que quanto mais clara a negra for, mais ela é aceita na sociedade, e quanto mais negra for a cor da sua pele, mais ela sofre.

Somado a estes fatos, observa-se que historicamente, a música sempre esteve presente nas situações na vida do negro. Nas manifestações culturais nas senzalas e como forma de expressão de sentimentos. Na música brasileira, temos exemplos de mulheres como a cantora Elza Soares. Músicas interpretadas por ela apresentam motivação e reflexão acerca da identidade racial, da luta do povo negro, além da contribuição para o empoderamento feminino negro, como na letra da canção “A Carne”, onde a artista canta: “A carne mais barata do mercado é a carne negra [...] Mas mesmo assim, ainda guardo o direito de algum antepassado da cor brigar por justiça e por respeito” (SEU JORGE, YUCA, CAPELLETTE, 2002).

Acredita-se que, por estar presente no cotidiano do ser humano e por causar efeitos sobre o organismo físico e mental humano, a música possibilita a expressão dos sentimentos que temos acerca do que vivemos. Para Bruscia (1998) a musicoterapia é, “a utilização da música em um ambiente específico para inspirar, liberar e nutrir o processo de descoberta de cada indivíduo”. Assim, a iniciativa de estudar a relação da música e sentimentos de mulheres negras pela perspectiva da prática e da teoria da musicoterapia se faz necessária.

Sobre a expressão de sentimentos em atividades musicoterapêuticas, encontramos uma pesquisa realizada por Peixoto (2011), sob o título: “Musicoterapia comunitária em um bairro de Goiânia: uma contribuição para a política nacional de saúde integral da população negra”. No trabalho, a autora afirma que “a Musicoterapia contribui para as pessoas reconhecerem que o direito ao pertencimento assegurado lhes tornam capazes de descobrir os fatores positivos que fortalecem sua saúde”. (p.30)

A autora acrescenta que “descobrir o que lhe faz sofrer, o que provoca mal-estar é o primeiro passo para a promoção da saúde” de mulheres negras e assim, compreender os sentimentos e pensamentos a respeito de suas vidas e

experiências pessoais em atividades musicoterapêuticas. Depois disso é que se pode promover o fortalecimento da identidade feminina e o empoderamento dessas mulheres. (PEIXOTO, 2011, p.211)

A presente pesquisa, de caráter qualitativo, teve como objetivo compreender os sentimentos e pensamentos de mulheres negras a respeito de suas vidas e experiências pessoais, por meio de uma vivência musicoterapêutica. O estudo foi desenvolvido sob o conceito da pesquisa viva, tecido pela educadora musical e pesquisadora de artografia, Rita Irwin (2013), dando destaque para os temas recorrentes nos dados e também com as percepções do pesquisador quanto às expressões como os sons, imagens, performances e palavras, em interligações que buscam a construção de significados adicionais em uma “conversação relacional” (IRWIN, 2013, p.30).

Duas mulheres negras que participaram da pesquisa, Hester tinha 58 anos, era pastora, cuidadora de idosos, divorciada e 4 filhos. Nilda 55 anos, era cozinheira aposentada, viúva, 3 filhos, ensino médio completo e formada no curso de chef de cozinha. As participantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecidos e foram aqui chamadas por nomes fictícios para atender às normas ética da resolução 244/2012.

A construção dos dados constou de um processo de três etapas, que foram realizadas uma em continuidade da outra. Na primeira fase houve a participação em uma vivência de encontro de musicoterapia em grupo pela manhã no encontro aberto em musicoterapia. O encontro aberto em musicoterapia, é uma reunião mensal, em que participaram pessoas atendidas no Centro de Atendimento de Musicoterapia, juntamente com suas famílias, amigos e convidados de toda a comunidade. A atividade faz parte do projeto de extensão, ofertado pela Universidade Estadual do Paraná-UNESPAR.

A segunda fase foi dedicada à entrevista. A casa da pesquisadora, foi considerada pelas participantes um ambiente reservado e adequado para se fazer a entrevista e a vivência musicoterapêutica. Uma terceira parte foi da escolha de uma canção significativa, da execução da canção e da interpretação do seu significado na vida das participantes. A análise resultou em agrupamentos

temáticos que mostraram que as mulheres foram capazes de resistir e buscar soluções de superação para eventos vivenciados.

Ao participarem da musicoterapia em grupo, as mulheres relataram que não sabiam como era participar de uma vivência em grupo. Elas também destacaram, na entrevista, experiências difíceis de superar, como perdas, solidão e depressão. Para elas, recomeçar foi preciso, então foram estudar para ter uma profissão e assim criar os filhos.

Entre os gêneros de música ouvidos pelas mulheres estavam o sertanejo, gospel, rock e MPB (as “músicas românticas”, como elas disseram). Para iniciar a vivência musicoterapêutica, as participantes foram convidadas a lembrar de uma música que elas gostassem bastante, a palavra “Vitoriosa” título da canção de Ivan Lins (1986) foi então, o disparador para a vivência, canção que evocou lembranças do passado, sentimentos experienciados na vida das mulheres.

Ao cantarem a frase “que a vida pode ser maravilhosa” as mulheres reafirmaram coragem e força, pois, apesar das dificuldades que passam ao longo da vida, não se deixam abater. ELAS enfrentaram seus problemas e hoje escolhem as profissões que querem exercer, os relacionamentos que querem manter, as atividades às quais querem se dedicar.

A abordagem social e comunitária foi oportuna para o desenvolvimento dessa pesquisa uma vez essa abordagem trabalha com aspectos culturais e relacionais da vida cotidiana. Acredita-se que participações em estudos como este, e em ações baseadas no fazer musical e em vivências propostas pela prática da musicoterapia possam fortalecer as mulheres negras e promover mudanças no seu cotidiano.

REFERÊNCIAS

BRUSCIA, Kenneth E. **Definindo Musicoterapia**. Enelivros, Rio de Janeiro, 1998

IRWIN, Rita L. A/r/tografia. In: DIAS, B.; IRWIN, R. (Or.), **Pesquisa educacional baseada em arte: artografia**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013. p.27-38.

LINS, Ivan. Vitoriosa. In: **Ivan Lins**. Ivan Lins: Som Livre. p.1986. 1LP.

SEU JORGE; YUCA, Marcelo; CAPELLETTE, Wilson. A carne. In: **Do cóccix até o pescoço**. Elza Soares. Tratore. p.2002. 1CD, digital, estéreo.

MADEIRA, Z. Mulher negra no Ceará. **Destaques do Governo**. Brasília: Ministério da Saúde. Ceará. 2004. p.1

PEIXOTO Maria da Conceição de Matos. **Musicoterapia comunitária em um bairro de Goiânia: uma contribuição para a política nacional de saúde integral da população negra**. 240 f. Dissertação de Mestrado - Setor de Música - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011. Disponível em: <<https://mestrado.emac.ufg.br/up/270/o/MARIA_DA_CONCEI%C3%87AO_DE_MATOS_PEIXOTO.pdf?1337620213%20> Acesso em: 26/11/2015